

O centenário de Altino Pimenta (1921- 2003)¹

Rômulo Mota de Queiroz
Mestre em Piano e Doutor em Educação Musical
Docente da EMUFPA
Belém, 24/02/2021

“Nasci com a música dentro de mim, por isso tenho facilidade de fazê-la. Ela me toma por inteiro. É como se ela me levasse a um lugar mágico e maravilhoso”
Altino Pimenta, 1998.

A relação entre Altino Pimenta e a música ficou assim registrada em um jornal de grande circulação de Belém do Pará. O discurso reflete vestígios de sua concepção sobre música e de sua condição perante ela – uma manifestação do sobrenatural em servos humanos. Em seu caso, essa concepção advém da tradição musical erudita, de sua filosofia e do seu ensino, marcado pela valorização do belo, da genialidade, do talento e pela ideia de que a música aperfeiçoa o ser humano. Era comum que muitos herdeiros dessa tradição, além de instrumentistas fossem compositores, professor ou gestor de instituição promotora de arte, como foi seu caso e de tantos que representam a história da música paraense, a exemplo de Gama Malcher, Meneleu Campos, Paulino Chaves, Wilson Fonseca e Waldemar Henrique.

Na trajetória de Altino Pimenta como compositor, essa tradição erudita se manifestou como uma espécie de “nacionalismo tardio”, bastante deslocado no tempo e em diálogo com a música popular. Sua obra evidencia a formação a partir dos cânones da música erudita, bem como sua habilidade com gêneros populares, advinda dos anos de trabalho como pianista na *Era de ouro do rádio* principalmente quando passou a residir no Rio de Janeiro, na década de 1930, pois era necessário tocá-los ao vivo. Mesmo utilizando-se do popular, ele ansiava que sua música preservasse o status da *grande música* erudita e que soasse assim. Dos 82 anos vividos, foi nos últimos vinte, que passou a se dedicar à criação musical de fato. Sua atividade composicional foi o resultado de uma paixão contida por

¹ Texto com partes adaptadas, originalmente publicadas na Revista da Academia de Música, nº1, ano 2014, sob o título *Rememorando Altino Pimenta*.

outras prioridades ao longo de sua trajetória, até que definitivamente viesse à tona, quando a vida já havia lhe presenteado com uma carreira e família.

Em sua obra, a temática nacionalista toca a Amazônia, mas não somente ela, como elemento de inspiração musical nos títulos sugestivos de suas peças ou de um ritmo autóctone da região ou do Brasil. Sua obra é essencialmente tonal, melódica, que por vezes relembra canções folclóricas no estilo de Villa-Lobos; a textura é predominantemente homofônica (ou com contrapontos ocasionais) realizada a partir dos princípios da harmonia funcional. Entre elas, há expressiva produção para canto e piano, nas quais utilizou letras de poetas paraenses, como Bruno de Menezes, Acyr Castro, Paes Loureiro entre outros, além de ele próprio ter escrito letras para várias de suas canções, a exemplo de *Estrela*, *Chora Coração* e *Canto para Astor Piazzolla*. Compôs também para piano solo e para outros instrumentos, valendo-se de gêneros musicais europeus como suítes, noturnos, valsas, prelúdios, bem como ritmos populares de baião, forró (arrasta-pé), choro, samba, bossa nova, tango, jazz entre outros.

Nessa variedade, houve espaço para a escrita de uma ópera, gênero que há tanto tempo estava ausente na produção dos compositores paraenses, e que de certo modo remete ao legado dos paraenses Gama Malcher e Henrique Gurjão. A ópera, *A Confederação dos Tamoios*, foi um dos seus últimos trabalhos que ficou incompleto devido ao agravamento da enfermidade que o levou à morte em 2003. Deixou publicado dois álbuns de partituras, lançados pela editora da UFPA; um LP da *Coleção Nos Originais* também com selo da UFPA; e dois CDs, um pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará: *Altino Pimenta* (selo Projeto Uirapuru: o canto da Amazônia) e outro pela Prefeitura de Belém: *A Música de Altino Pimenta*.

Esses discos resguardam sua exímia interpretação pianística, fruto de uma vida de dedicação ao instrumento. Em 03 de janeiro de 1921, quando Altino Rosauero Salazar Pimenta nasceu, uma forte cultura pianística predominava em Belém. Desde os sete anos, passou a ter aulas particulares de piano, após seus pais o ouvirem tocar de ouvido um *lied*. Os pais, Virgílio de Fontes Pimenta e Philomena Salazar Pimenta, proprietários de uma das mais tradicionais livrarias de Belém, apoiaram os estudos do filho. Anos mais tarde, ele finalizaria o curso de piano dos irmãos Mario e Beatriz Neves, músicos prestigiados da capital. Contrariando os interesses dos pais, que sonhavam com um filho advogado, Altino Pimenta acabou imitando o professor Mario Neves: partiu para o Rio de Janeiro em busca de

qualificação na área de música em 1936. Na década de 1940, se diplomou em Alta virtuosidade e interpretação musical pelo Ministério da Educação e Cultura e, em 1948, ingressou no curso de aperfeiçoamento pianístico da renomada pianista Magdalena Tagliaferro, concluindo-o após quatro anos. Daí em diante, sua vida foi marcada pela constante atuação como difusor da técnica pianística desenvolvida pela mestra.

Muitos testemunhos contam que o Altino Pimenta era um professor entusiasta dos jovens aprendizes. Essa característica é fortemente acentuada nos relatos de quando esteve à frente do Serviço de atividades musicais da UFPA (SAM, atualmente Escola de Música da UFPA, EMUFPA) nas décadas de 1970 e 80 – ele foi peça fundamental para a consolidação da área de música no âmbito da UFPA. Sua contribuição se fez também valorosa em outras cidades brasileiras, antes de regressar à Belém nos anos 70. Ainda jovem, nas décadas de 1930 a 40, lecionou piano no Rio de Janeiro; em 1951, fundou o Conservatório de Macapá e nas décadas de 1950 e 60, foi professor em Minas Gerais, em Belo Horizonte e em cidades do Vale do Aço.

Como reconhecimento de seus méritos, o músico professor recebeu várias honrarias ao longo da vida, dentre as quais o Certificado de Bons Serviços Prestados à Classe Musical, conferido pela Ordem dos Músicos do Brasil, a Medalha Comemorativa do Vigésimo Aniversário de Criação da Universidade Federal do Pará e a Palma Universitária, conferida em razão dos serviços acadêmicos que prestara. A Câmara Municipal de Belém outorgou-lhe também o título de Honra ao Mérito pelos Serviços Prestados aos Jovens Estudantes de Música da Capital.

O trabalho composicional de Altino o levou a ocupar uma posição de destaque na mídia paraense entre os nomes de Waldemar Henrique e Wilson Fonseca, compositores já consagrados no Estado do Pará. Da aproximação com Waldemar Henrique se destaca a fundação da Academia Paraense de Música – APM, em 1981, resultado de reuniões promovidas por Waldemar Henrique em sua residência, ocasiões em que Altino e uma grupeto de músicos engajados no mesmo ideal elaboraram os instrumentos constitutivos para a realização deste sonho, além de Waldemar: Altino Pimenta, Raymundo Pinheiro, Jarbas Lobato e Lenora Brito. Quanto o compositor santareno Wilson Fonseca estava em Belém, por ocasião dessas reuniões, Waldemar o convidava para delas participar. Mais tarde, Altino Pimenta foi o segundo a tornar-se presidente da APM, sucedendo Waldemar Henrique.

Destacando a importância deste grande músico paraense, a Academia Paraense de Música presta esta homenagem a Altino Pimenta, no ano em que completaria 100 anos de vida, lembrando sua trajetória, seu legado e seu entusiasmo ao transmitir aos estudantes a alegria de tocar, como fonte de inspiração para músicos e amantes da música.